



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmã de Nossa Senhora das Preces

Director e Editor
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Baíro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857



A minha maior preocupação

Quem, como eu, se habituou a viver a vida do Santuário não pode deixar de se alegrar com as suas alegrias, de sentir as suas necessidades e de chorar as suas dores.

Tenho feito o melhor que sei e posso e na medida das possibilidades financeiras. O Santuário é pobre e têm que ir pouco a pouco até que lá do alto venha o auxílio para se fazer alguma coisa mais de jeito. Ainda não chegou a hora. Esperemos: a esperança é uma grande virtude que nos dá alento, que nos dá uma grande força de vontade e uma confiança sem limites.

O problema das águas é a minha maior preocupação.

Muitos são os dias que aqui venho e aqui passo, neste lugar aprazível e encantador. Não sei que prazer espiritual sinto junto da Senhora das Preces... quereria ter aqui uma tenda para passar a viver o resto dos meus dias.

Mas nesta quadra do ano o coração anda sempre triste. Não sinto a água a cantar nas fontes, não a sinto a saltar de repuxo em repuxo, de cascata em cascata até se perder lá em baixo no lago que está seco. O monumental chafariz lá tem as suas três fontes... secas, e só de vez em quando corre um pequeno fio d'água... lágrimas de quem chora o tempo de abundância e aguarda em recolhido silêncio um gesto de misericórdia e carinho.

Os visitantes lamentam também esta falta e dizem: escreva ao Salazar, escreva ao ministro e cada um vai dando a sua opinião na ânsia de ver resolvido um problema que é a vida do Santuário.

Eu já escrevi, já pedi, já insisti.

Espero que os homens do Governo ouçam os meus brados, que as entidades respectivas se interessem pelo assunto, e se apesar dos meus esforços e pedidos nada conseguir farei como Moisés: pegarei numa vara, baterei nas rochas e a água há-de saltar com abundância.

Um Chefe de Estado católico

Não podemos deixar de registar a alegria com que o povo português, católico na sua grande maioria, viu assumir à mais alta magistratura um católico de convicções, como o General Craveiro Lopes.

Insatisfeito com um vago, político e poético respeito pela crença do seu povo, S. Ex.ª aparece-nos como homem de atitudes católicas bem definidas.

Depois do juramento constitucional, agnóstico e frio, acrescenta a categórica afirmação de que jurava diante de Deus.

Nessa mesma tarde vai aos Jerónimos depor flores no túmulo do seu antecessor, mas não se retira sem entrar no Templo, dirigindo-se ao altar do Santíssimo Sacramento, onde ajoelha em recolhida oração.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

Em Portugal estes factos e as suas mais recentes afirmações dizem e valem muito.

E para ilustrar, aí vai o que relatou um sacerdote transmontano:

Foi há anos. Dois ou três. Por alturas de Vilarinho da Samardã, um padre seguia a pé pela estrada, a caminho da Samardã, aonde ia administrar os últimos sacramentos a um enfermo, quando, na curva do Sarnoso, lhe surge um automóvel. Abre-se a porta e uma voz convida:

— O sr. abade faça favor de entrar. Escusa de ir a pé.

— Obrigado, mas é breve o percurso.

— Ora essa! seja o que for.

Nem ao quilómetro chegou.

— É pena. Dar-nos-ia muito gosto a companhia de V.ª Rev.ª.

Quis saber, para agradecer-lhe, a identidade de quem assim me falava — disse o Rev. Padre António de Azevedo Castelo Branco, zeloso pároco de Vilarinho da Samardã com quem o facto ocorreu.

Modestamente, a mesma voz respondeu:

— General Craveiro Lopes.

O SNR. GOVERNADOR CIVIL DE COIMBRA visitou o Santuário da Senhora das Preces

No dia 21 do mês de Agosto findo o Sr. Governador Civil de Coimbra, Dr. Eugénio Mascarenhas de Lemos visitou este Santuário, onde lhe foi oferecido um almoço pelo Ex.º Sr. Dr. António Marques Antunes, muito digno presidente da Câmara.

Assistiram ao almoço vários convi-

Abrautes Tavares, Dr. Pedro Menezes e por fim o Sr. Governador.

No fim do almoço Sua Ex.ª visitou demoradamente o Santuário ficando encantado com as suas belezas que pela primeira vez admirava.

A Mesa Administrativa do Santuário da Senhora das Preces não pode deixar de agradecer tão honrosa visita.

As meninas Laura dos Santos, Maria Otília Araújo e Maria de Lourdes, vestidas à moda antiga, fizeram entrega, ao sr. chefe do distrito, de dois cestos de arco, fabrico local, com produtos regionais e um ramo de flores, acompanhados de cartas, oferta da Junta de Freguesia de Aldeia das Dez. Este interessante gesto foi recebido com agrado pelo ilustre visitante.

Ao Ex.º Sr. Dr. António Marques Antunes os nossos agradecimentos por ter escolhido o Santuário da Senhora das Preces para sala de visitas.



Dr. Eugénio Mascarenhas de Lemos

dados, entre eles os srs. deputados Dr. Vasco de Campos e Dr. Abrautes Tavares, Dr. António Antunes, Dr. José Marques Antunes, Dr. Pedro Menezes, Dr. Virgílio Ferreira, Armindo Lousada, António Mendes Monteiro, Agostinho Diniz, Francisco A. Teles Diniz, Manuel Tavares Monteiro, Alvaro Leitão, Dr. Francisco Antunes, Manuel Figueiredo Casca, P.º José Marques dos Santos, José Gabriel Tavares e outras pessoas.

Aos brindes usaram da palavra o Sr. P.º Mário Brito, Dr. António Antunes, Dr. Vasco de Campos, Dr.

Indulgência do Ano Santo pode ganhar-se na Senhora das Preces

Durante os meses de Setembro e Outubro todos os fieis podem ganhar a *indulgência do Ano Santo* visitando a igreja da Senhora das Preces com as condições exigidas pelo Santo Padre.

No fim do mês de Setembro ou princípio de Outubro deve realizar-se uma grande peregrinação à Senhora das Preces de todas as freguesias vizinhas para esse fim.

Grande capitalista PRECISA-SE

O Santuário da Senhora das Preces está a ser muito visitado. A afluência de romeiros e turistas é cada vez maior.

Cada vez mais se sente a falta de uma boa Pensão ou Hotel.

Não haverá por aí nenhum capitalista que se queira abalançar a esta empresa?

É dinheiro garantido e negócio certo.

FESTA da Senhora das Preces NO DIA OITO

No próximo dia 8, dia de Nossa Senhora das Preces, realiza-se na Senhora das Preces a costumada festa que constará de missa cantada às 12 horas, sermão e procissão.

Assinaturas pagas da *Alvoco das Várzeas*

"Voz do Santuário"

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

D. Arminda da Paula, Alcântara.
 Armando Gonçalves, Lisboa.
 D. Maria da Conceição Gonçalves, Lisboa.
 D. Urbana Mendes Baptista, Lisboa.
 D. Maria Irene da Costa (meio ano) L. Marques.
 José Alves de Campos, Parente.
 José Lourenço Mendes, Chão Sobral.
 Manuel Augusto dos Santos, Aldeia das Dez.
 Manuel Gaspar, Lisboa.
 Manuel Castanheira, Gramaça.
 António dos Santos Diniz, Pomares.
 José Marques Afonso, S. Sebastião da Feira.
 José Dias, Alcântara.
 António Luís Dias, Vale de Maceira.
 João Figueiredo Gabriel, Aldeia das Dez.
 D. Augusta Mendes Madeira, Lisboa.
 D. Maria Isabel Leal Morgado, Coimbra.
 Higino da Silva Moura, Alvoco de Várzeas.
 José Guilherme Júnior, Parente.
 D. Maria da Natividade Fonseca, Alvoco de Várzeas.
 Com 15\$00 pagou a sua assinatura o Sr. Serafim Marques da Fonseca, da Gramaça e residente em Lisboa.
 Com 20\$00 pagaram:
 Eduardo Mendes Dias, de Vale de Maceira.
 José Dias, Alcântara.
 D. Maria do Rosário Albuquerque, Aldeia das Dez.
 Alberto Rodrigues, Lisboa.
 José Tavares de Sousa Júnior, Ponte das 3 Entradas.
 Heitor Amaral, Catraia de S. Paio.
 Serafim Marques Gomes Araújo, Coimbra.
 D. Eduarda Marques da Fonseca, Aldeia das Dez.
 José Augusto Nunes Barata, Pampilhosa da Serra.
 Manuel Pacheco, Lisboa.
 D. Lúcia Moura Portugal Amaral, Aveiro.
 D. Virgínia Marques Teixeira, Lisboa.
 Franklin da Silva Pinto, Vila Cova d'Alva.
 Dr. Germano Ferreira de Oliveira, de S. Gião.

A «Voz do Santuário» não faz cobrança pelo correio por ser muito dispendiosa. Agradeço que lhe sejam enviadas as importâncias em carta ou vale do correio.

A notinha de 20\$00 facilita e resolve todas as dificuldades.

Alguns dos nossos prezados leitores leram, compreenderam e cumpriram. Muito agradecido.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário

Alvoco das Várzeas

27 de Agosto

Realizou-se ontem nesta freguesia, a festa da Comunhão Solene das crianças. A Missa da manhã — Missa da Comunhão — estavam presentes os pais das crianças que assistiram também às cerimónias da renovação das promessas do baptismo e da petição de perdão, às quais poucos assistiram de olhos enchutos. Abeiraram-se da Sagrada Mesa da Comunhão muitas mães de crianças e outras Senhoras.

Ao meio dia foi celebrada Missa Solene pelo Sr. P.^e Mário de Brito, de Aldeia das Dez, acolitado pelo Sr. P.^e Cândido Nobre, de Vide, e pelo Sr. P.^e Ferreira, do Paul.

A tarde teve lugar a procissão, nela se incorporando as Senhoras do Apos-tolado da Oração, crianças da C. E. C. e da Comunhão Solene, Irmandade do S.S. Sacramento e muito povo.

Os andores estavam primorosamente ornamentados, graças aos esforços e delicado gosto das meninas Maria-sinha e Maria Felismina Tavares, filhas do Sr. Manuel Tavares, comerciante em Coimbra e da filha do Sr. Cristiano Belo da Fonseca, morador na mesma cidade.

O andor de S. Sebastião obteve incontestavelmente o primeiro prémio.

Uma Comissão constituída pelos Senhores José Guilherme, José Dias Bailão Mendes e Diamantino Nunes Baila levou a efeito a reconstrução da capela de S. Sebastião que há muito ameaçava ruínas.

Esta iniciativa foi secundada pelas boas pessoas da freguesia, que concorreram com generosidade para as obras de reconstrução já realizadas: — telhado novo com o respectivo madeiramento, caiação exterior, etc.

Prevê-se para breve a substituição do solho e forro, douramento do altar. Digno de todo o louvor o esforço do Sr. José Guilherme nestas obras.

— De visita a sua colega Sr.^a D. Elisa Gomes Figueira, encontra-se nesta freguesia a Senhora D. Maria Amélia Abreu, que durante este ano, a contento de todos, exerceu as funções de professora primária nesta freguesia.

Encontram-se também de visita aos seus, muitas famílias de Lisboa e Coimbra.

— Para assistir à Comunhão Solene de seu filho Tatão deslocaram-se no domingo propositadamente a esta freguesia o Sr. Cristiano Belo da Fonseca, comerciante em Coimbra, sua esposa e filhos.

Avô

27 de Agosto

No passado dia 12 realizou-se com máximo brilho a festa de N.^a Senhora do Mosteiro que já há cerca de 25 anos se não fazia. Parabéns aos mordomos Srs. Manuel Gonçalves, António Augusto, Alfredo Duarte e José Afonso da Silva, que se portaram à altura, cumprindo rigorosamente a Legislação vigente sobre festas. Entregaram ao pároco um saldo de 195\$00, sendo 150\$00 para a caiação da respectiva capela.

— No dia 26 a Filarmónica Avoense inaugurou uma nova bandeira, gentil oferta do benemérito Sr. Serafim Bernardes. Oxalá que essa bandeira, símbolo da união que deve reinar naquele organismo corresponda àquilo que significa para que vejamos a Filarmónica Avoense, já quase com um século de vida, cada vez com mais pujança e vitalidade. Os nossos agradecimentos pelo nobre gesto ao Sr. Serafim Bernardes.

— Fez exame da 4.^a classe ficando

Prazer de viver à custa de sacrifício

por P. M. FÓVOA DOS REIS

Alguns alimentos, roupa, livros, duas bolas, vestígios de farmácia constituem a bagagem que os rapazes do C. A. D. C. trouxeram para o Campo de Férias na Senhora das Preces, em plena serra. O resto, o que não havia em Coimbra — ar puro, silêncio, água deliciosa, condições duma vida integralmente progressiva — encontram-se aqui.

O motivo do deslocamento a estas paragens foi a valorização pessoal. Se algum dos leitores está convencido de que o descanso é a redução da actividade física, moral, intelectual e espiritual ao mínimo, temos de reconhecer que estes rapazes não vieram descansar.

No jornal do Campo já houve quem escrevesse com certa graça «Sangue, suor e... lágrimas» (?) — ginástica do P. P. R.. E temos de concordar que os campeonatos de foot-ball, voley, saltos, corridas, lançamento de disco e peso, alpinismo não ficam à quem.

Tranquilizem-se as mães, pois que, no fim do dia, ao pôr do sol, esta juventude sábia canta alegre horas seguídas e parece protestar contra a noite que convida ao descanso pleno. A alegria brilha nos olhos, anima as palavras; um perfeito bem-estar transbordante, comunicativo manifesta riqueza moral, espírito de compreensão, de solidariedade. O esforço físico metódico, a coragem em suportar e vencer dificuldades, o entusiasmo com que mutuamente se animam fazem brotar do íntimo destes corações ardentes torrenciais de vida viva.

Estes rapazes continuam a teimar em não se deixar conduzir cegamente pelas leis do mundo material que tendem para o aumento da entropia, isto é, reduzem a energia utilizável, mas sim persistem na obediência às leis da vida que tendem a opor-se à mencionada entropia, elevando o nível energético e em certo modo sublimando a própria matéria. Esta obedece ao espírito prontamente e a mocidade sente-se reinar num mundo interior.

No domingo passado foi substituída

distinto o menino Fernando Jerónimo Almeida e as meninas Maria Henriqueta Lencastre Campos, gentil filha do nosso ilustre clínico Sr. Dr. Vasco de Campos que também ficou distinta, Edviges Albino Gonçalves Morais e Beatriz Diniz Figueiredo Brito que ficaram aprovados. Os nossos parabéns aos professores locais que viram coroados de feliz êxito os seus trabalhos.

— O nosso Rev.^o Pároco acaba de construir um salão paroquial com jogos, biblioteca, bons jornais e revistas para as crianças que vão saindo da catequese. Embora as crianças saiam bem orientadas da catequese, se no futuro ficarem ao abandono, sem alguém que as guie e oriente, em contacto com um ambiente adverso perverter-se-ão irremediavelmente. Urge pois criá-lhes atractivos honestos e comedidos, tendentes a dar-lhes uma vida profundamente cristã para assim termos amanhã uma sociedade cada vez mais sã e morigerada.

Muitas pessoas entregaram já ao seu pároco o seu generoso contributo para esta obra de tamanha projecção na vida religiosa e moral deste bom povo. O dinheiro angariado não chega ainda para cobrir as despesas mas espera-se que apareçam mais almas generosas para que o salão corresponda ao fim para que foi fundado.

C.

a ginástica por um passeio ao cimo do monte. Quase no alto o Mancelos observou a um companheiro: «Mais valia ficarmos lá em baixo a fazer ginástica». Não tardou o prazer do triunfo da escalada e o cansaço transformou-se em valentia. O horizonte amplo e variado satisfaz as almas grandes. É um mundo novo que surge, mais longe da terra, mais perto de Deus.

Em momentos a cruz encimada no alto da frontaria do templo está cercada de braços valentes. A juventude heroica presta homenagem ao símbolo do sacrifício e sinal de redenção. Repetem-se as fotografias e o tempo corre veloz. Na volta, trepam a uma penedra e cantam entusiasmados:

«Bendizemos o teu nome,
 Mãe do Céu, Virgem Maria,
 Bendizemos à porfia
 O teu Filho Salvador.

Aqui vimos, Mãe querida
 Consagrar-te o nosso amor.

A vida física, moral e religiosa constituem assim três alicerces fundos da personalidade cristã; e, enquanto nas cidades se gasta a vida à procura do prazer (que mata!), no Campo de Férias goza-se o prazer de viver à custa do sacrifício inteligente que vivifica.

Várias notícias

Em Ponsulem de Canacina, Goa, foi morta uma giboia com cinco metros de comprimento e que momentos antes tinha engulido uma vitela de três anos de idade.

— Depois de um despacho de aprovação dos srs. Ministros da Marinha e das Comunicações, foi assinado um contrato, com a Companhia Portuguesa Rádio Marconi, pelo qual o litoral português será coberto, em breve, por uma rede de estações de rádio, destinadas exclusivamente ao serviço das frotas de pesca da sardinha e do arrasto. Interessa este contrato a cerca de 18.000 pescadores e cerca de 400 embarcações da pesca da sardinha; e a 70 barcos do arrasto, que pescam ao largo da costa e aos seus 1.200 tripulantes.

— Foi encontrado o braço de uma criança nas goelas de um tubarão, pescado ao largo da cidade de Adawara, na prefeitura de Kanagawa.

A polícia presume que o tubarão matou três crianças, que desapareceram ao tomarem banho.

— Com a idade de 122 anos, faleceu o mais antigo dos veteranos da campanha de 1879, Bonifacio Tenorio Salas, que tomou parte nas batalhas de Los Angeles, Tacna e Chorrillos sendo ferido na última, pelo que ficou inválido. Forças do Exército prestaram honras militares ao ser sepultado.

— Em Braga um grande incêndio destruiu a maior fábrica de chapelaria, sendo os prejuízos avaliados em mais de mil contos que estão cobertos pelo seguro.

— Pelo Ministério do Interior foram distribuídos pelas corporações de bombeiros de todo o país 6 mil contos de subsídios, cabendo a Lagares da Beira 5 contos, Oliveira do Hospital 7 contos.

— No próximo mês de Outubro virão a Portugal muitos milhares de peregrinos estrangeiros assistir às Comemorações do Ano Santo, que se realizarão em Fátima com a presença de um delegado do Sumo Pontífice.

Conversando

Para recreio

Aldeia das Dez

Muito boas tardes, tia Rosa!
— Venham com Deus minhas filhas. Muito calor não é verdade?
— Ai tia Rosa, o mês de Setembro parece que entra quentito.
— Se viesse uma chuvinha era uma riqueza.

— Então foi por estar assim um calor que a tia Rosa deixou a sua varanda e veio para a sombra da laranjeira?
— Dizes bem Margarida, foi por isso mesmo. Aqui corre uma aragem que até consola o coração.

— Ah! então adivinhámos nós!
— Adivinharam o quê?
— Olhe, depois de jantar, eu e cá a Maria da Graça, fomos ao chão das Fontainhas e a lata já tinha algumas uvas, apanhámos um cestinho delas e trazemo-las aqui para comermos todas juntas.

— Ah! e que lindas! Olha Margarida, são as primeiras que vejo.
— Pois então faça favor de comer e nós fazemos o mesmo. Aqui à sombra da laranjeira sabem muito bem.

— Pois muito bem, mas para aproveitar o tempo vamos conversando.
— Mas quem mais falar, menos come, tia Rosa...

— Comendo e conversando duram mais.
— Ah! só sendo por isso. Então vá lá a tia Rosa falando, que nós vamos ouvindo e comendo.

— Quem vos não conhecer que vos compre... Então digam-me cá: já ensinaram por aí essas meninas de rendinhas, a terem cuidado com a limpeza do corpo e dos vestidos e das suas casas?

— Oh! isso é o cabo dos trabalhos. É mais fácil arrancarem a pele do que tirarem o esterco do corpo. Mas vamos lá... as coisas com geito lá vão.

— Pois decerto Margarida é preciso saber levar a água ao moinho.
— Que belas uvas, tia Rosa.
— É verdade, benza-as Deus e Deus dê saúde a quem as trouxe.

— Olha cá ó Maria da Graça, já foste ver a tua prima a Relá Tagarela?
— Já sim senhora, fui lá na sexta-feira e se quer que lhe diga...
— Então? está mal coitadita!
— Eu creio que lá pela doença não haverá novidade...

— Mas é das tais de muito luxo, cá por fora, mas com respeito à limpeza de casa, temos conversado.
— Sim?... olha ninguém o havia de dizer... porque enfim...
— Pois é verdade tia Rosa. Se lhe

fosse a contar o que vi era de fugir às sete partidas.
— Ora! não há-de ser tanto assim. Vocês são mulheres e quando as linguas das mulheres começam a falar...
— Diga-lhe dessas, tia Rosa; mas acuda às uvas senão fica sem nada.
— Dizes bem, Margarida, é melhor saborear as uvas do que...
— Ora ouça tia Rosa. Já que é isso, sempre lhe quero dizer isto para pano de amostra. Quando entrei estava a minha prima Relá Tagarela no quarto deitada. Os pais tinham ido para a propriedade plantar umas couves e regar umas batatas. Pois em cima da mesinha de cabeceira tinham deixado os pratos sujos de comer junto dos remédios. Lá em cima numa mesa havia uma multidão de coisas: um açafate de batatas, saias da mãe, umas botas velhas do pai, uma bacia de levar a cara e umas sacas com farinha, ou farelos, e umas medidas com feijões de semente. No chão o esterco podia-se rapar com uma pá velha.

— Olha Maria, para plantar cebolo é muito bom.
— Pois sim tia Rosa, mas é para ver se é verdade o que digo ou não.
— Bem, bem! olha Maria não te esqueças de dizer a essas meninas, a essas cachopas, que procurem ter uma certa limpeza nas suas casas e tudo em ordem porque o bem feito, bem parece.

— Ó tia Rosa, olhe que já não há mais uvas!
— Então, Margarida, também já não há mais conversa.
— Passem muito bem, até à semana que vem.

— O director dos correios julgou do seu dever levar a carta ao governo. O presidente do Conselho, comovido, pegou numa nota de 100 coroas, meteu-a num sobrescrito da presidência do ministério e expediu-a ao campónio.
Dias depois aparecia no correio nova carta dirigida a Deus Nosso Senhor. Levaram-na ao presidente do Conselho, que a abriu. Dizia assim:
«— Dou-vos graças, meu Deus, por me haveres atendido, mas para a outra vez não me envieis o dinheiro por intermédio do presidente do Conselho. Ficou-me com metade...»

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

— A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

— A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

— Quem vos não conhecer que vos compre... Então digam-me cá: já ensinaram por aí essas meninas de rendinhas, a terem cuidado com a limpeza do corpo e dos vestidos e das suas casas?

— Oh! isso é o cabo dos trabalhos. É mais fácil arrancarem a pele do que tirarem o esterco do corpo. Mas vamos lá... as coisas com geito lá vão.

— Pois decerto Margarida é preciso saber levar a água ao moinho.
— Que belas uvas, tia Rosa.
— É verdade, benza-as Deus e Deus dê saúde a quem as trouxe.

— Olha cá ó Maria da Graça, já foste ver a tua prima a Relá Tagarela?
— Já sim senhora, fui lá na sexta-feira e se quer que lhe diga...
— Então? está mal coitadita!
— Eu creio que lá pela doença não haverá novidade...

— Mas é das tais de muito luxo, cá por fora, mas com respeito à limpeza de casa, temos conversado.
— Sim?... olha ninguém o havia de dizer... porque enfim...
— Pois é verdade tia Rosa. Se lhe

fosse a contar o que vi era de fugir às sete partidas.
— Ora! não há-de ser tanto assim. Vocês são mulheres e quando as linguas das mulheres começam a falar...
— Diga-lhe dessas, tia Rosa; mas acuda às uvas senão fica sem nada.
— Dizes bem, Margarida, é melhor saborear as uvas do que...
— Ora ouça tia Rosa. Já que é isso, sempre lhe quero dizer isto para pano de amostra. Quando entrei estava a minha prima Relá Tagarela no quarto deitada. Os pais tinham ido para a propriedade plantar umas couves e regar umas batatas. Pois em cima da mesinha de cabeceira tinham deixado os pratos sujos de comer junto dos remédios. Lá em cima numa mesa havia uma multidão de coisas: um açafate de batatas, saias da mãe, umas botas velhas do pai, uma bacia de levar a cara e umas sacas com farinha, ou farelos, e umas medidas com feijões de semente. No chão o esterco podia-se rapar com uma pá velha.

— Olha Maria, para plantar cebolo é muito bom.
— Pois sim tia Rosa, mas é para ver se é verdade o que digo ou não.
— Bem, bem! olha Maria não te esqueças de dizer a essas meninas, a essas cachopas, que procurem ter uma certa limpeza nas suas casas e tudo em ordem porque o bem feito, bem parece.

— Ó tia Rosa, olhe que já não há mais uvas!
— Então, Margarida, também já não há mais conversa.
— Passem muito bem, até à semana que vem.

— O director dos correios julgou do seu dever levar a carta ao governo. O presidente do Conselho, comovido, pegou numa nota de 100 coroas, meteu-a num sobrescrito da presidência do ministério e expediu-a ao campónio.
Dias depois aparecia no correio nova carta dirigida a Deus Nosso Senhor. Levaram-na ao presidente do Conselho, que a abriu. Dizia assim:
«— Dou-vos graças, meu Deus, por me haveres atendido, mas para a outra vez não me envieis o dinheiro por intermédio do presidente do Conselho. Ficou-me com metade...»

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

— Quem vos não conhecer que vos compre... Então digam-me cá: já ensinaram por aí essas meninas de rendinhas, a terem cuidado com a limpeza do corpo e dos vestidos e das suas casas?

— Oh! isso é o cabo dos trabalhos. É mais fácil arrancarem a pele do que tirarem o esterco do corpo. Mas vamos lá... as coisas com geito lá vão.

— Pois decerto Margarida é preciso saber levar a água ao moinho.
— Que belas uvas, tia Rosa.
— É verdade, benza-as Deus e Deus dê saúde a quem as trouxe.

— Olha cá ó Maria da Graça, já foste ver a tua prima a Relá Tagarela?
— Já sim senhora, fui lá na sexta-feira e se quer que lhe diga...
— Então? está mal coitadita!
— Eu creio que lá pela doença não haverá novidade...

— Mas é das tais de muito luxo, cá por fora, mas com respeito à limpeza de casa, temos conversado.
— Sim?... olha ninguém o havia de dizer... porque enfim...
— Pois é verdade tia Rosa. Se lhe

fosse a contar o que vi era de fugir às sete partidas.
— Ora! não há-de ser tanto assim. Vocês são mulheres e quando as linguas das mulheres começam a falar...
— Diga-lhe dessas, tia Rosa; mas acuda às uvas senão fica sem nada.
— Dizes bem, Margarida, é melhor saborear as uvas do que...
— Ora ouça tia Rosa. Já que é isso, sempre lhe quero dizer isto para pano de amostra. Quando entrei estava a minha prima Relá Tagarela no quarto deitada. Os pais tinham ido para a propriedade plantar umas couves e regar umas batatas. Pois em cima da mesinha de cabeceira tinham deixado os pratos sujos de comer junto dos remédios. Lá em cima numa mesa havia uma multidão de coisas: um açafate de batatas, saias da mãe, umas botas velhas do pai, uma bacia de levar a cara e umas sacas com farinha, ou farelos, e umas medidas com feijões de semente. No chão o esterco podia-se rapar com uma pá velha.

— Olha Maria, para plantar cebolo é muito bom.
— Pois sim tia Rosa, mas é para ver se é verdade o que digo ou não.
— Bem, bem! olha Maria não te esqueças de dizer a essas meninas, a essas cachopas, que procurem ter uma certa limpeza nas suas casas e tudo em ordem porque o bem feito, bem parece.

— Ó tia Rosa, olhe que já não há mais uvas!
— Então, Margarida, também já não há mais conversa.
— Passem muito bem, até à semana que vem.

— O director dos correios julgou do seu dever levar a carta ao governo. O presidente do Conselho, comovido, pegou numa nota de 100 coroas, meteu-a num sobrescrito da presidência do ministério e expediu-a ao campónio.
Dias depois aparecia no correio nova carta dirigida a Deus Nosso Senhor. Levaram-na ao presidente do Conselho, que a abriu. Dizia assim:
«— Dou-vos graças, meu Deus, por me haveres atendido, mas para a outra vez não me envieis o dinheiro por intermédio do presidente do Conselho. Ficou-me com metade...»

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

A mamã pergunta, muito zangada:
— Qual foi dos meninos o que atou ao rabo do gato uma bicha de rabiar?
— Eu cá não fui, mamã, — responde o Antoninho.
— Quem foi então?
— Foi o Josézinho.
— E tu porque o deixaste?
— É que eu não pude impedi-lo...
— Não pudeste?
— Não, mamã, porque eu estava segurando o gato.

Na Escola do Magistério Primário de Coimbra concluiu com elevada classificação o seu curso o nosso bom amigo Arménio Hall, desta localidade, filho do Sr. Alfredo Guilherme Hall e de D. Maria de Jesus Gonçalves.

Deus queira que seja muito feliz na sua vida profissional.
— No dia 24 de Agosto recebeu o Santo Baptismo Maria Eduarda, filha do Sr. José Mendes de Oliveira e da Sr.^{te} Joaquina Fernandes.

FALECIMENTOS — No dia 9 do mês de Agosto no lugar de Vale de Maceira, faleceu o Sr. António Dias, de 22 anos de idade, alfaiate, filho do Sr. António Dias e da Sr.^{te} Maria da Ressurreição Dias. Foi sepultado no cemitério de Vale de Maceira.

No dia 10, no lugar do Avelar, faleceu a Sr.^{te} Maria da Purificação, casada com António Diogo da Cruz, pedreiro. Tinha apenas 42 anos de idade e deixara algumas crianças pequeninas.

No lugar de Aldeia das Dez, no dia 12 de Agosto faleceu a Sr.^{te} Maria Rosa de Jesus (do Torno) de setenta e seis anos de idade, viúva de José Dias de Carvalho.

— A Comissão de Senhoras que tomou a iniciativa de levar a efeito as obras de restauração da igreja paroquial tem trabalhado bastante para que as obras comecem dentro de pouco tempo de modo a tudo ser feito antes do inverno.

Também anda a ser construída junto da igreja uma residência paroquial.

Campo de Formação da União Noelista Portuguesa

(Continuado da 4.^a página)

cómico irresistível?... O dia em que eles saíam era sempre da maior animação.

Como nota profundamente emocionante — os Fogos de Campos, de inspiração escutista, mas que as noelistas já o fizeram bem seus.

A magia do fogo, onde cada chefe de equipe começava por lançar a sua acha, num gesto religioso e depois a alegria exuberante de representações, dansas, entremeses e cantares... Sentadas em círculo em torno da fogueira, reflectia-se-lhes nos rostos aquele crescendo de interioridade, que é a característica fundamental dos Fogos de Campo. Efectivamente o ambiente vai-se tornando insensivelmente mais calmo, mais elevado... É uma poesia que se recita, um canto mais sério... Depois uma música — cenas tiradas do Evangelho, parábolas — um coro falado...

E reina já o Silêncio em torno da fogueira, que se faz brasido... Para terminar o encantamento, vêm as palavras ditas por uma voz amiga, palavras a exigirem, palavras que são apelo e oração...

De joelhos todas, mãos dadas, braços entrelaçados, rezam as almas baixinho, enquanto as brasas morrem naquilo que fora uma fogueira...

«Como fogo que abranda,
Como mar que se aquieta,
Quero deixar extinguir em mim,
A pouco e pouco,
Todo o rumor.
Desejo o silêncio, onde Tu, Senhor,
Te revelas, e nos falas e nos Santificas.
Silêncio à minha volta...
Silêncio na minha alma...
Silêncio!...»

E no silêncio, que nada perturba, as almas vivem momentos de intimidade sem igual, com Aquele que é a alegria da nossa juventude...

COISAS DOS SANTOS

S. João Vianey, Cura d'Ars tinha acabado de fazer a sua pregação e repousava na sacristia recostado a uma pobre mesa de madeira junto da qual havia um genuflexório, quando viu sair dentre a multidão que constantemente por toda a parte o seguia, um homem de aspecto grave, porte distinto, cabelos brancos e com o peito coberto de condecorações.

Aproximou-se do santo Cura e disse-lhe: Meu padre, de há tempo que venho ouvindo a V. Rev.^{ma}. Têm dito realmente coisas bem tocantes e verdadeiras e, se quer que lhe fale com sinceridade pouco falta para me tornar cristão; mas há uma série de dificuldades e objecções, que V. Rev.^{ma} bem compreende. E o meu espírito não seguirá por um caminho sem que o veja bastante iluminado.

— Meu senhor, diz-lhe o virtuoso sacerdote, permita-me uma pergunta: há muito tempo que se não confessa?

— Oh! há perto de meio século que o não faço, mas não é desse assunto que se trata.

— Desculpe-me mas eu creio que é justamente isso o que faz que muita coisa seja para o sr. obscura. Já que me pediu conselho, aí o tem: confesse-se.

— Mas, meu padre, para que alguém se confesse é preciso acreditar na divindade da confissão e eu nem nela acredito.

— Tudo isso virá depois, ponha-se de joelhos e comece.

— Realmente meu padre, vós não compreendeis nada da minha situação: francamente isso tornava-se uma comédia, não sendo eu um crente. E mesmo que o fosse, era preciso um

exame bastante demorado, ora eu não fiz, nem faço.

— Eu me encarrego de o fazer por si; vamos, ajoelhe-se sem mais questões e eu respondo pelo resto. *Em nome do Padre, do Filho, etc...*

O oficial meio descontente, mas vivamente impressionado com a ardente santidade, que irradiava do santo Cura d'Ars, pelo acento de fé, de humildade e simplicidade, com que falava, ajoelhou-se maquinalmente, fez o sinal da cruz bastante atrapalhado e começou a responder ao Santo Cura, que lhe ia abrindo o coração com aquela graça tão poderosa de que Deus o dotara.

Passado um quarto de hora o velho oficial levantava-se dos pés do sacerdote com o rosto banhado em lágrimas de profunda contrição dos seus peccados, e radiante de contentamento, publicava em alta voz a sua felicidade e ventura.

O confessor então abraçou-o enternecidamente e disse-lhe: — Está bem: apresente-me agora as suas dificuldades; encontramo-nos em melhores condições para as resolver...

— Ah! meu padre, dificuldades já não as tenho; vejo claro na fé do meu Deus e nunca bendirei assaz as misericórdias do Senhor.

— Ora eu já esperava isso, respondeu o confessor; havíamos de chegar a este resultado. Quando nós não vemos a Deus, quando uma fatal cegueira nos separa dele, — a experiência mo tem ensinado — é porque o peccado cobre-nos de trevas. Se o afastarmos, a luz inunda-nos com os seus divinos raios. Não era o seu espírito que estava doente, era sim o seu coração...

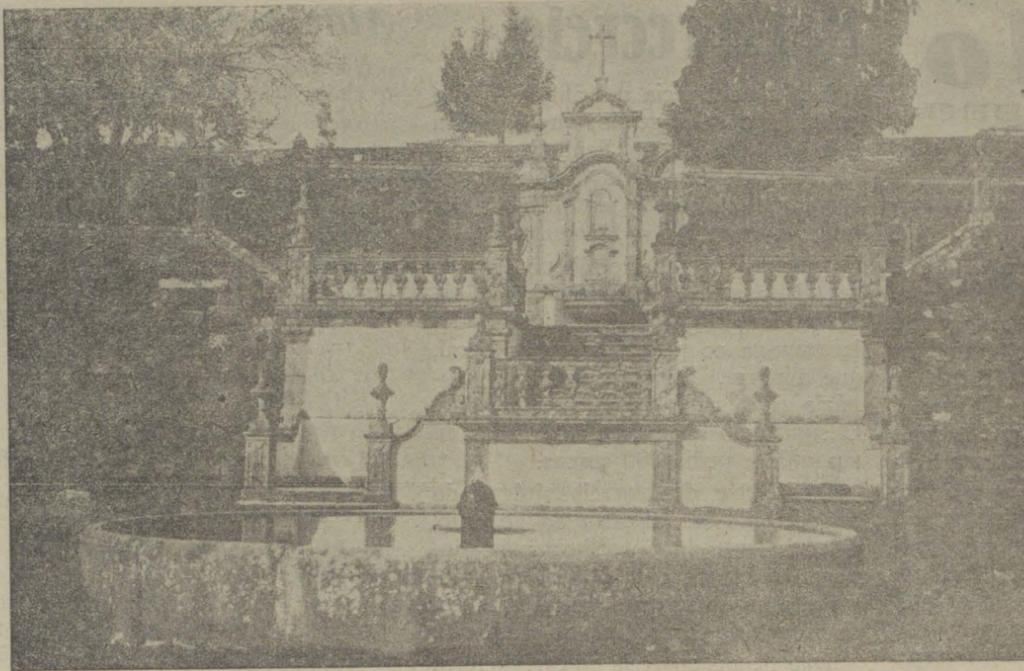
À beira dum berço

Neste bercinho dourado
Dormita um anjo adorado,
Que mesmo agora nasceu;
Descansa, anjinho, descansa,
Nessa risonha esperança,
Que te guarde o Pai do Céu!

Que nem o vento ligeiro
Te toque o rosto fagueiro;
Só nessa fronte mimosa
Poisem sim, beijos divinos
Nimbados sòmente de hínos,
Da tua mãe amorosa.

E, no caminho da vida,
Não te toque, a cruel frida
Que a triste desgraça lança;
Seja um berço de ternura
Orvalhado de ventura,
A tua vida, criança!

Carvalha — Oliveira do Hospital.
ANÍBAL MENDES



MONUMENTAL CHAFARIZ

Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora das Preces

No dia 29 de Julho p. passado, a Secção da Liga Operária Católica de S. Bartolomeu, organizou uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora das Preces, que decorreu num ambiente de piedade e recolhimento, próprio de uma peregrinação.

Sáimos de Coimbra com boa disposição, e esta foi aumentando, à medida que nos íamos aproximando, devido aos ares puríssimos que nos tonificavam o coração e os pulmões.

Alguns momentos após a chegada ao Santuário, fomos fazer a visita ao Santíssimo Sacramento, seguindo-se-lhe depois a celebração do Santo Sacrifício da missa, que foi celebrado no lindo altar da Senhora das Preces pelo nosso Rev.º assistente Sr. P.º Afonso, que se dignou acompanhar-nos, e dialogada por alguns componentes da Liga.

Depois da celebração da Santa missa, almoçámos no vasto recinto e fomos deliciados com águas tão cristalinas e frescas, que de tão frias quase não se podiam beber.

Após o almoço, a maior parte ficou ali, contemplando o recinto que é muito aprazível, e as paisagens que são deslumbrantes.

Alguns porém mais ousados, subiram a um monte muito alto, chamado Colcurinho, onde numa capelinha, agora ampliada, se venera a Senhora das Necessidades. É penosa a ascensão do Monte; mas é largamente compensada pela linda imagem que ali se venera, e pelo panorama lindíssimo que dali se disfruta.

Lugar aprazível à meditação, e em que a nossa alma se sente elevada para o Criador de tantas maravilhas.

Depois da descida do «Tabor» fomos rezar o terço à Senhora das Preces, entoando-lhe alguns cânticos apropriados, e logo a seguir foi dada bênção com o Santíssimo Sacramento, e assim nos despedimos de tão excelsos personagens.

Pelo caminho, foram entoados alguns cânticos dirigidos à nossa Mãe do Céu, entre eles um (Terno Adeus de Saudade). E assim terminou a nossa peregrinação a tão Venerando Santuário, num ambiente de santa alegria e de puro contentamento.

Coimbra, 16-8-951.

Pela Direcção.

LUÍS SALVADOR DE SOUSA
(Secretário)

Campo de Formação da União Noelista Portuguesa

Realizou-se no Santuário de Nossa Senhora das Preces, de 10 a 25 de Julho, um Campo Nacional de Formação, para raparigas pertencentes à União Noelista Portuguesa.

Vindas dos quatro cantos de Portugal, ali se juntaram 55 noelistas, na mais franca e alegre camaradagem.

São já tradicionais no Noelismo estes Campos de Férias, que produzem sempre os melhores resultados naquelas que têm a dita de neles tomarem parte. Há anos já que, aproveitando as férias grandes, as noelistas vêm procurando sítios aprazíveis onde, em contacto com a natureza, e naquele viver simples, que lembra o dos acampamentos de escuteiros, possam melhor encontrar-se com Deus. E por mercê do Senhor, é quase sempre à sombra dum Santuário mariano, que se têm acolhido: no ano passado foi junto à Basílica da Senhora do Sameiro, este ano no Santuário de Nossa Senhora das Preces, sem dúvida um dos de maior devoção de toda a nossa Beira cristianíssima.

Quinze dias de encanto por aquele punhado de raparigas, que se não cansavam de encharcar a vista nestes horizontes sem igual!

Quinze dias em que as almas se purificaram, numa união profunda com o Senhor e que os corpos se revigoraram, em passeios, jogos e folguedos.

Era ver a alegria esfusante que reinava no Campo, desde o izar da bandeira até que ela descia no mastro ao sol-pôr. Só se ouviam risos e cantares no acolhedor casarão do Santuário, onde, das cinquenta e cinco raparigas, muitas no entanto faziam pela primeira vez uma aprendizagem de vida dura.

O cozinhar o almoço ou o jantar, o cuidar da limpeza da casa ou do governo, tudo era feito em alegria e generosidade.

E para nada faltar a esta exuberância moça, eram quase contínuos os cantares e as dansas, acompanhadas a harmonio, por uma das Responsáveis do Campo.

O tempo, bem dividido, chegava para tudo: para as horas de recolhimento, da Missa, das orações da manhã e da noite, rezadas em conjunto (num dos Domingos, cantaram-se Completas, na Igreja) e das meditações feitas ao ar livre, para passeios mais ou menos longos, para jogos, etc..

Duas excursões se realizaram durante o Campo: uma delas ao Colcurinho, que a todas deixou maravilhadas, e a outra ao Alvoco, onde não faltaram risos e brincadeiras entre quem nas águas claras do rio quase se banhou... E no meio de tudo isto, não havia excitação de espécie alguma: antes uma grande calma, que enchia as almas cada vez mais de Deus.

O trabalho de casa era feito pelas várias equipas, que nele se revezavam, cada uma assumindo a responsabilidade plena do que lhe era confiado. A disciplina — uma disciplina espontânea, baseada na caridade fraterna que a todas unia — ajudava a viver em paz. Os estudos (que os havia, todos eles à base do Novo Testamento), preparados em equipa, rendiam imensamente.

Assim se conseguia que no ambiente do Campo nada houvesse de artificial, ou de constrangido: era uma vida calma, alegre e sã, a que ali se vivia.

Que dizer dos jornais de parede (cada equipa tinha o seu: *Clarão, Escalada, Horizonte*, etc.), onde os pensamentos mais sérios e profundos se misturavam com quadras galhofeiras, brincadeiras sem malícia e relatos dum

(Continua na 2.ª página)

Capela do Colcurinho

Estão paradas as obras da capela do Colcurinho por falta de dinheiro, por falta de água e porque as pernas já se recusavam a subir a íngreme ladeira.

Uma obra destas... num sítio deserto, descampado e longe de tudo, custa mais do dobro do que se fosse feita cá em baixo. Os transportes dos materiais custam mais do que a mão de obra.

Ao pessoal da Gramaça, que me prestou relevantes serviços, só em menos de quinze dias dei cerca de dois mil escudos de transporte de telhas e areia. O transporte de água, que tinha de ser por mulheres à cabeça, deve andar à roda de uns novecentos escudos.

Mas graças a Deus a obra há-de ir até ao fim. Já tem telhado, já tem portas, vidros, já está caiada. Faltam-lhe os pavimentos que deverão ser em mosaico, falta dourar o altar, e queria revestir uma parte das paredes interiores com quadros em azulejo com motivos da vida de Nossa Senhora.

Eu tenho fé em que o dinheiro há-de vir e por isso vou esperando.

No próximo ano queria fazer a inauguração com festa rija, mas queria primeiro acabá-la e por isso agradeço que me enviem as esmolas. Há muitas pessoas que prometeram e ainda não deram; há muitas que nem prometeram nem deram, mas todas hão-de dar a seu tempo. Eu tenho confiança exige-o o nosso brio beirão e sobretudo o nosso amor e a nossa gratidão a Nossa Senhora.

Hoje tenho apenas a registar as seguintes esmolas: Felicidade de Jesus, do Vale de Maceira, 10\$00; José Gabriel Tavares, de Aldeia das Dez, 50\$00; Manuel Marques de Brito, de Oliveira do Hospital, 50\$00; Júlio dos Santos e Manuel dos Santos, de Oliveira do Hospital, cada um com 50\$00 e Joaquim Lopes da Silva, de Paranhos da Beira, 50\$00 e mais nada.

UMA ROSA

que tem três cores

Uma rosa que ao começar a abrir é amarela clara, para dias depois ser mais escura e tomar, quando completamente aberta, um tom vivo de encarnado, ganhou um dos prémios no concurso anual de flores realizado na Irlanda.

Chama-se «Mascarada» e foi admirada por mais de 50.000 visitantes. Segundo o horticultor que a apresentou a concurso, a «Mascarada» ao ser cortada e metida em água, perde as suas faculdades, mantendo-se amarela.

Carreira de passageiros

entre VIDE E SEIA

As terras de Lourenço Marques chegou a notícia de ter sido inaugurada uma carreira de mercadorias entre Avô e Vide.

O nosso bom amigo Arnaldo Pacheco exultou de alegria e logo lançou a mão à pena para nos comunicar as suas impressões. Mesmo longe de nós, participa das nossas alegrias e interessa-se pelos melhoramentos da sua terra natal e dos povos vizinhos.

Mas, se nos dá licença, queremos dar a nossa opinião.

A carreira de mercadorias entre Avô e Vide pouco rendimento dará à empresa e pouco interessa aos povos servidos por ela.

O que interessava era uma carreira de passageiros entre Vide e Seia passando por Avô e Oliveira do Hospital. Ficavam óptimamente servidas as freguesias de Vide, Alvoco das Várzeas, Aldeia das Dez, Avô, Vila Pouca, Nogueira do Cravo, algumas fregue-

sias a norte de Oliveira do Hospital e algumas do concelho de Seia.

A Vide pertence a Seia. É lá que os povos da Vide têm que ir pagar contribuições e tratar de vários assuntos. Ficam longe da sede do concelho e sem facilidade de comunicação. Além disso os que podem ir de automóvel têm que atravessar uma boa parte do concelho de Oliveira.

As freguesias de Alvoco de Várzeas, Aldeia das Dez, Avô, Vila Pouca, não têm facilidade nem meios de comunicação com a sua sede do concelho. Ora uma carreira de passageiros entre Vide e Seia ligava os dois concelhos e servia muito bem as freguesias interessadas.

Consta-nos que a Empresa da Ponte das Três Entradas já pensou no assunto mas ainda não lhe deitou a mão à espera de melhores dias.

Oxalá que esta carreira seja uma realidade dentro de breve tempo, para progresso das terras e comodidade dos povos.